GUEDES, D.P.; GUEDES, J.E.R.P. Controle do peso corporal: composição corporal, atividade física e nutrição. Paraná: Midiograf, 1998. 312 p.

TORAL, N. A alimentação saudável na ótica dos adolescentes e o impacto de uma intervenção nutricional com materiais educativos baseados no Modelo Transteórico entre escolares de Brasília-DF. 2010. 151 p. Tese de Doutorado. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2010.

ZANCUL, M.S.; OLIVEIRA, J.E.D. Considerações sobre ações atuais de educação alimentar e nutricional para adolescentes. Alim. Nutr, Araraquara, v. 18, n. 2, p. 223-227. Jan./Mar. 2007.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:

O EDUCADOR E OS DESAFIOS DE ENSINAR

VIVIANE A. DA SILVA

RESUMO

Este artigo acadêmico apresentado a Faculdade de Educação Paulistana de cunho bibliográfico tem no seu objetivo entender a diferença entre alfabetização e letramento. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destacam a leitura, a compreensão e a produção em seu em sua relação com o contexto social. A pesquisa mostra que o papel do professor ainda necessita e continua sendo um papel muito importante, agora talvez mais do que antes, ele tem o papel de orientar seus alunos de maneira que eles sejam capazes de filtrar quais são as informações que lhe são oportunas, estimular a discussão sobre as informações recebidas, além de incentivar para que os alunos tirem suas próprias conclusões.

Palavras-Chave: Alfabetização; Letramento; Ensino; Professor

INTRODUÇÃO

A Alfabetização é um assunto que vem sendo debatido, há tempos, com relação as suas teorias e métodos. A partir da década de 1980, o conceito de alfabetização ganhou contornos e com isso chegou a um novo patamar. Com todo progresso e a exigência de nossa sociedade, surgem cada vez mais outras formas no uso da língua escrita, tornando-se necessário que o indivíduo tenha uma capacidade maior do que apenas decifrar ou desenhar o código alfabético. Em virtude disso, a alfabetização ganhou novos olhares, e, dentre eles o letramento. A alfabetização e o letramento, mesmo sendo conceitos distintos, estão unidos e formando um todo dentro do processo de aprendizagem. Com o objetivo de entender a diferença entre alfabetização e letramento. Tem-se a metodologia investigativa de cunho bibliográfico seguidas das considerações finais e referências bibliográficas.

DESENVOLVIMENTO

Os parâmetros curriculares nacionais (PCNs) (1997) destacam a leitura, a compreensão e a produção em uma relação com o contexto social, sendo fundamentos básicos, para os quais o ensino da linguagem deve ser direcionado e focalizado.

Ela, a alfabetização é entendida como um processo de apropriação de um código alfabético, como o aprendizado inicial da leitura e da escrita, e como o funcionamento e a compreensão do sistema escrita. Por sua vez, o letramento é compreendido como incorporador das habilidades do uso da leitura e da escrita em práticas sociais da leitura e da escrita.

Para Tfouni (1995), a alfabetização se preocupa com a aquisição da escrita por um indivíduo, com o aprender do código alfabético. O letramento por sua vez, se preocupa com os aspectos sócios – históricos da aquisição da escrita pela sociedade; familiarizar este indivíduo com os usos sociais da leitura e da escrita.

Para Becker Soares (2004), para que a alfabetização e o letramento façam parte do ensino da língua na sua própria prática social, é necessário que ambos estejam juntos, desenvolvendo dessa maneira um ensino que se alfabetize letrando.

Significa dizer que ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais de leitura, fazendo assim, com que a criança se torne alfabetizada e letrada ao mesmo tempo.

A escola por sua vez que se encarregue do processo de aprendizagem sistematizado de forma a oferecer vários instrumentos de compreensão da realidade, favorecendo a participação dos educando(s) em situações sociais diversas e garantir, também, a aprendizagem de conhecimentos, conteúdos e habilidades, que são essenciais para uma vida em sociedade, observando sempre os aspectos cognitivos, afetivos e emocionais da criança.

No cumprimento de sua função social, a instituição escolar necessita considerar as práticas desenvolvidas pela nossa sociedade, sendo eles de caráter cultural, social, ético, moral, econômico ou político.

Weisz (2003), pondera que toda criança em sua aprendizagem tem o direito a conteúdos ligados ao mundo cultural, pois isso se torna necessário para a sua inserção social.

Percebendo as particularidades de cada educando e o contexto de sua formação prévia, o ambiente escolar tem crianças de várias camadas sociais. Logo, a instituição escolar, através de seus educadores(s), orientadores pedagógicos e direção, ciente dessa adversidade, devem preparar-se para harmonização dos conhecimentos dos educando(s) com os da aprendizagem escolar.

Aos educadores do ensino fundamental são atribuídas as relações de competências a serem cumpridas, baseadas nos regimentos e estatutos das instituições a serem cumpridas. Será que somente isso é suficiente para que ele possa ser um bom educador?

O educador deve ter uma competência polivalente para trabalhar com conteúdos diversificados. Deve, também, estar preparado para inserir nas matérias, a serem trabalhadas em sala de aula, atividades com informações retiradas da realidade social.

Demo (2002), o educar necessita de estar consciente que não pode apenas trabalhar o lado formal do manejo do conhecimento, mas se preocupar igualmente com o lado formal do manejo do conhecimento, mas se preocupar igualmente com o lado político da cidadania, instrumentado pelas habilidades do conhecimento.

Grispino (2004) enfatiza como a função do educador deve ser:

Educador ultrapassa as linhas da objetividade, da personalidade institucional. Sua atuação não é tão formal, tão racional. Através do conhecimento, ele chega ao elemento humano, enxerga o outro, a pessoa que está à sua frente e que ele deve educar. Traz algo que se define por dentro. Ele se leiga ao humano, ao seu destino, à sua felicidade... O educador é o pólo das transformações sociais, alcançam às diferentes classes, os grupos diferenciados, que convivem no mesmo espaço escolar. Conscientiza, restaura valores compromete-se socialmente. (GRISPINO, 2004, p. 347)

O extrato de texto mostra que o educador tem o seu modo de aprender, com isso, ele, o educador deve criar diferentes maneiras para ministrar o conteúdo a ser ensinado, bem como desenvolver as habilidades deste aprendiz. O educador não podendo ficar restrito a uma metodologia determinada teoricamente por uma cartilha,deve criar diferentes enfoques para explorar a construção e o desenvolvimento da linguagem.

Deve também estar sempre despertando a criatividade do seu educando para atingir diferentes níveis em sua aprendizagem. Scoz (1994), confirma essa ideia, ao afirmar que para se complementar os múltiplos aspectos da aquisição do conhecimento através da leitura e da escrita, o educador não pode apenas se prender a um modelo norteador para apresentar e desenvolver o conteúdo.

O educando não adquire a sua autonomia e o seu conhecimento sozinho, necessita da ajuda da família, da escola, da sociedade, dos relacionamentos, etc. Vygotsky (1988), reafirma o conceito de que o conhecimento é sempre intermediado. Assim sendo, educar também é capacitar cidadãos para gerirem a sua própria história.

Considerando a BNCC para Educação Infantil (2019), a criança, como todo o ser humano, é um indivíduo social e histórico que vive em constante evolução. Ela, a criança é fortemente influenciada pelo meio em que vive, bem como pelo tipo de relação que matem com cada indivíduo de sua família e dos papeis que cada um representa para ela.

A criança por sua vez é singular, caracteriza-se como ser que pensa e sente o mundo do seu próprio jeito. As suas relações com o ambiente social são sempre novas e se modificam reciprocamente, sendo um processo marcado pela instabilidade e por conflitos.

Wallon (1975), pondera compartilhando dessas idéias e afirma que o educando ao vencer cada etapa acumula inúmeras possibilidades que promovem a aprendizagem de conteúdos para superar as fases seguintes, gerando, assim novas necessidades. Essas etapas são diferenciadas pelas possibilidades psíquicas que são estruturadas em diversas interações com o meio.

As diferenças de estabilidade e estrutura dos meios são os fatores que proporcionam ao educando o crescimento como indivíduo e a constituição do seu "Eu". A criança, como ser geneticamente social, necessita, sem dúvida, do outro para se delimitar como pessoa.

A autoestima não se desenvolve no nascimento da pessoa, e sim ao longo da

sua vida, e é decorrente da qualidade das relações interpessoais que ela, a criança estabelece. A partir das ferramentas sociais com que a criança tem contato, com o aprendizado cultural e com o seu desejo, ela que ainda é incompleta, se humaniza.

A família, que está incluída em uma sociedade, é o núcleo deste individuo, formando um sistema que se une as pessoas que se compõem, não somente pelo mesmo sobrenome local, mas pelas representações que se constroem á medida que vão compartilhando o seu dia a dia. Em sua intimidade, formam-se uma rede de significações ligadas aos seus segredos, crenças, medos, idéias e mitos.

A tarefa de aprender não é uma tarefa simples. Ela, é complexa e cheia de nuances. A aprendizagem cria um vínculo entre o educando e o seu educador, bem como o educando e o conhecimento. Podendo ter conhecimento estruturado, ou não estruturado, subjetivos ou até mesmo objetivos.

Vários genitores e educadores não dão a devida importância e subestimam o papel que a autoestima exerce no aprendizado, pois, quando evitamos que uma criança passe pó situações de frustação ou de insucesso, automaticamente estamos impedindo que ela valorize o feito, que ela amadureça e que compreenda a situação. Dessa forma, não estamos colaborando com o seu crescimento e nem muito menos promovendo o seu processo de ensino aprendizagens de âmbito pessoal ou até mesmo científico.

Ela, a criança pode passar a desenvolver uma situação de acomodação, em que tem medo de arriscar em outras tentativas e de não acreditar em si mesma. Ela passa a dizer “Eu não sei fazer”. “Eu sou burra”. “Eu nunca entenderei isso”. “Essas coisas são muito difíceis”.

O sentimento da autodepreciação cria uma barreira para que a criança possa a se aventurar no aprendizado. Brandem (1999), comenta que ninguém se torna bom se constantemente é tachado de mau.

Grispino (2004):

Certa lenda conta que estavam duas crianças patinando em cima de um lago congelado. Era uma tarde nublada e fria e as crianças brincavam sem perturbação. De repente, o gelo se quebrou e uma das crianças se caiu na água. A outra criança, vendo que seu amiguinho se afogava debaixo do gelo, pegou uma pedra e começou a golpear com todas as suas forças, conseguindo quebrá-lo e salvar seu amigo. Quando os bombeiros chegaram e viram o que tinha acontecido, perguntaram ao menino:

- Como você conseguiu fazer isso? É impossível que você tenha quebrado o gelo com essa pedra e suas mãos tão pequenas!

Nesse instante apareceu um senhor e disse:

- Eu sei como ele conseguiu.

Todos perguntaram:

-Como?

O senhor respondeu:

-Não havia ninguém ao seu redor para dizer que ele não seria capaz (Apud. GRISPINO, 2004, p. 364)

Considerando o extrato de texto, deve-se, portanto, estar sempre atento na situação em que a criança está envolvida, para poder dar os devidos limites, as orientações e os elogios. Não podemos nos esquecer de analisar as reações e as emoções.

A autoestima bem desenvolvida é um forte instrumento para a sua aprendizagem, pois a criança se sente apta, confiante e desinibida para enfrentar as dificuldades do aprender. Com certeza, essas atitudes fazem a diferença para a criança.

O ensinar é somente transmitir a informação pré-determinada adiante? É somente ficar nas cartilhas e nos livros didáticos. É impor uma situação sem questionamentos?

A arte de ensinar realmente é um desafio, em virtude das adversidades do dia a dia. Cada criança já possui a sua bagagem cultural retirada do meio social em que vive, bem como ela tem a sua forma, a sua vontade e a sua necessidade de aprender. A prática de ensinar é necessário que existam dois personagens, o educador e o educando. Eles devem manter um vínculo entre si e entre as modalidades de aprender/ensinar a cada um.

Cagliari (1998), afirma que o educador que tem todo o domínio da matéria que leciona e é conhecedor dos fatos que se cercam, sem dúvida, tem um melhor desempenho ao ensinar, o que é fundamental para uma construção sólida da aprendizagem do educando.

Atualmente, um dos grandes desafios dos educadores, face às novas necessidades e realidades da sociedade por demandas cada vez mais prementes, é ensinar a criança a ler, a escrever e a se expressar de uma maneira competente. A aprendizagem, às vezes, não ocorre espontaneamente; exige-se uma ação direta por parte do educador.

A criança, conforme a sua necessidade vai construindo a sua aprendizagem, e isto está ligado diretamente com o seu meio social. Devemos lembrar que esta criança possa por situações diferentes de aprendizagens. Logo, o professor precisa estar preparado para enfrentar as dificuldades junto aos seus alunos.

Weiss(2003), a criança se identifica com os valores pertencentes ao meio em que vive e, também, desenvolve diferentes capacidades nas situações a que é exposta.

Ferreiro (2000), o educador para que possa ser eficiente, não pode de modo algum impor as suas idéias como um adulto alfabetizado, ele deve ajustar o seu ponto de visto ao do seu aluno.

Ramos e Porto (2012):

Professor e aluno trocam experiências. Mediado pelo professor, o aluno exerce sua atividade cognitiva sobre o objeto de estudo: observa, compara, ordena, analisa, constrói e testa hipóteses, classifica, ordena, localiza-se no tempo e espaço, deduz, avalia e julga. A construção do conhecimento ocorre mediante o diálogo. (RAMOS; PORTO, 2012, p. 1)

Entre vários desafios de ensinar que a escola tem, um dos que merece destaque, é o despertar o hábito e o sentido da leitura. Isso é um trabalho contínuo, gradual, e que não deve ser imposto.

Grispino (2004) pondera dizendo que o hábito da leitura é importante na formação do educando e que a escola

deve criar atividades que intensifiquem a sua prática. Enriquecer os temas da leitura e dos seus itinerários para as diversas faixas etárias e reorganizar o seu projeto pedagógico para amenizar os desafios de ensinar.

Lerner (2002) escreve que a instituição escolar deve se preocupar com a construção de novos objetivos e horizontes, com relação à leitura, para que esta tenha um melhor ajuste na prática social.

A construção do processo de aprender a ler e a escrever se torna complexa, devido às várias hipóteses que surgem, às regras e às necessidades de cada um. A somatória desse processo me parece propiciar a construção do conhecimento, que faz com que a criança entenda o que está aprendendo.

A finalidade da educação é propiciar aluno um crescimento em seu nível de aprendizagem. Para caracterizar esse processo, o educando deve atingir um grau superior ao seu marco inicial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do presente trabalho de pesquisa e após fazer uma visita a literatura e ficando demonstrado que o aprendizado da criança, em seu processo de alfabetização e letramento, acontece ao longo do tempo e envolve os aspectos culturais, sociais, emocionais e cognitivos.

Pode-se afirmar que esse processo de aprendizagem se inicia bem antes de sei ingresso à escola. Ela, a criança, no seu dia a dia, já vai observando e construindo, o seu próprio e os conhecimentos prévios.

A escola tem a responsabilidade de garantir aos seus alunos os saberes linguísticos, possibilitando a compreensão da adversidade de ações e visões. Ela, a escola não deve considerar somente o aspecto cognitivo da criança, deve, também, se preocupar com o aspecto de cada uma.

A escola deve utilizar-se da leitura como um objeto de ensino, para que ela seja um dos meios do aprender e enriquecer o processo ensino aprendizagem. O aluno, dentro do seu tempo e espaço, mesmo desconhecendo a leitura e a escrita, consegue se situar dentro de um texto. Ele também consegue apontar os fatos mais importantes e relevantes de seu interesse.

O professor não pode ser somente o transmissor direto do saber, ele tem que ser o organizador do ambiente de aprendizagem, ser o mediador, ter um programa de ensino bem estruturado e a sua relação professor/aluno deve estar ancorada na interação humana, proporcionando, assim, um vínculo libertador, para que a criança possa ter a sua autonomia e a sua maturidade.

Aos genitores cabe o dever de participar efetivamente na aprendizagem de seus filhos, estimulando-se e motivando-os. Os ensinamentos ofertados pela escola, para serem bem-sucedidos, não dependem somente de bons programas e métodos, mas também de como a criança é tratada em casa. O processo de aprendizagem é longo e contínuo.

ABSTRACT

This academic article presented to the Faculty of Education of São Paulo, with a bibliographic nature, aims to un-